

**FASTOS PORTUGUEZES:
POEMA EM SEIS LIVROS**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649211241

Fastos portugueses: poema em seis livros by Julio de Castilho

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

www.triestepublishing.com

JULIO DE CASTILHO

**FASTOS PORTUGUEZES:
POEMA EM SEIS LIVROS**

JULIO DE CASTILHO

FASTOS PORTUGUEZES

POEMA EM SEIS LIVROS



1928

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.^{da}, Edifício
132-134, Rua Aurea, 136-138

LISBOA

A MEMÓRIA

DO

GRANDE E INFELIZ POETA

P.^e Francisco Manuel do Nascimento

(*FILINTO ELYSIO*)

Dedica respeitosamente esta modestíssima
tentativa métrica

O AUCTOR.

Advertencia

Escreveu Ovidio os *Fastos*.

¿E que são os *Fastos*? são o calendario romano posto em verso. Datas célebres, quadros historicos, movimentos astronómicos, festas religiosas, solemnidades cortesans, costumeiras plebeias, anedotas minúsculas, tudo foi enramalhado em hexâmetros e pentâmetros pelo prodigioso Poeta.

O Academico francez Antonio Maria Lemierre compôz em 1779 um poema *Les Fastes* em análoga afinação. Por mais que tenho diligenciado, ainda o não conheço. Consultei o hypercritico La Harpe, que o trata pessimamente.

O nosso Filinto Elysio entreviu a realização de identico plano em portuguez. A sua tentativa, 140 versos apenas, no tomo IV das Obras do mestre, prova como se lhe descortinára o quadro. A invocação, a circumcisão, a entrada do anno novo, as

boas-festas, o reboliço das carroagens encaminhando-se para o paço pela calçada da Ajuda, a sala dos Tudescos apinhada de cortesãos, as folias aldeãs, tudo isso desliza no truncado cosmorama do grande linguista traductor do *Oberon*. Castilho, segundo lhe ouvi, tinha a maior pena de que Filinto abrisse mão de tal tarefa.

Veio uma vez ao meu espirito a mesma veieidade; atrevi-me; tentei o que quer que fosse.

Escolhi o estylo médio da conversação semi-classica no nosso decasyllabo sôlto, descendo ou subindo na clave quando o assumpto m'o impunha, e explorando a meu sabor o veio religioso, o historico, e até o mythológico para a explicação dos signos do Zodiaco.

Cedendo ás obsequiosas instancias de amigos, publico estes primeiros seis Livros como tentativa, como consulta. Só peço critica severa, que me encaminhe; qualquer censura, pública ou particular, será bemvinda. Errar é humano; procurar emenda, pertence aos ânimos sinceros.

Epigraphe

Por que não ha-de alguém emprehender, e levar ao cabo, o que Filinto Elysio tentou, ainda que (fôrça é dizel-o) sem grande felicidade: um poema dos *Fastos christãos e nacionaes*? A História portugueza, tão herôica, o *Flos Sanctorum* e as lendas, as festas populares, as origens das terras, as tradições locais, as festas campestres, os variados trabalhos da vida agrícola, as demolições e as criações do nosso tempo, mil novidades scientificas, industriaes, commerciaes, artisticas, politicas, etc., não offereciam mésse illimitada ao ceifeiro poético mais intrépido? Se alguma coisa se pode a tal assumpto reprehender, é a superabundancia, e não a mingua. Não ha que desbravar; não ha que semear; tudo está nascido; tudo está em flôr, tudo está á mão, abundante, variadissimo, para todos os góstos. E' a lampada de Aladino: esfregar, e pedir por bôcca.

¡Possa algum dos tantos mancebos, que por ahí nascem pretas, e se desfolham incultos e ignorados, como a flôr pelos mattos, ceder ás tentações d'este convite, e metter para o desempenho o necessario cabedal de boa vontade, de estudo e de diligencia!...

Casimiro — Prologo á sua traducção dos *Fastos*
de Públio Ovídio Nasôo. — Lisboa — 1892.

LIVRO I

JANEIRO

I

Exórdio.

No intróito dos poemas uso antigo
era implorar as Musas, e captar-lhes
o auxilio sobrehumano. «Deusas, vinde,
«honrae vosso cantor, soprae-lhe o genio,
«infundi-lhe ousadia,»

Ao menos uma,

era sabido armal-a padroeira
ao encetado assumpto. O autor, submisso,
segregava-a do Pindo, e supplicava-lhe
patrocinasse a temerária empreza.
Perfez seu tempo a usança: as modas últimas
deixam vagar ociosas e tranquillias,
nas relvas de Helicónios arvoredos,
à margem de ribeiros sussurantes,
as donosas irmans do flavo Apollo.
Não é pois de temer que um vate obscuro,
cá nos confins da Europa, ouse pedir-lhes
pagans influções.

Não, não te invoco,
virgiliana, ovidiana Musa,
ou Musa horaciana. Vou á Missa,
sou moderno e christão, vivo no tempo
do auto-móvel, do electrico, dos auers,
dos fraques, dos jornaes. Fóra anacrónico
chamar a minha meza de trabalho
as filhas de Mnemósyne, a eloquente
Calliope, a loquaz Thalia, mestra
da Comedia, Polymnia, a da Rhetórica,
Eráto, e amavel tutelar dos lyricos,
Clio, a que sonda e immortalisa a História,
Melpómene, a sombria, em cujo pulso
vibra o punhal dos trágicos, Urânia,
scismadora da pagina astronómica,
Terpsicore, a subtil que rege a Dança,
Euterpe divinal que inspira a Musica,